

NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE
O IDEALISMO ALEMÃO

Fernando Rey Puente
FAFICH – UFMG

M. VETÖ, *De Kant à Schelling. Les deux voies de l'idéalisme allemand*, tome I, Grenoble, Jérôme Millon, 1998, 492 p.

_____, *De Kant à Schelling. Les deux voies de l'idéalisme allemand*, tome II, Grenoble, Jérôme Millon, 2000, 542 p.

_____, *Études sur l'idéalisme allemand*, Paris, L'Harmattan, 1998, 303 p.

_____, *Fichte. De l'action à l'image*, Paris, L'Harmattan, 2001, 256 p.

_____, *Le fondement selon Schelling*, Paris, L'Harmattan, 2002 (¹1977), 657 p.

_____, *Le mal. Essais et études*, Paris, L'Harmattan, 2000, 363 p.

Miklos Vetö, um dos mais renomados especialistas do Idealismo Alemão, vem oferecendo aos seus leitores, nos últimos anos, reedições de seus livros e artigos mais importantes por meio da editora L'Harmattan. Esse intenso labor editorial proporciona aos leitores, portanto, uma rara oportunidade de poder ler ou reler em conjunto reflexões originais e profundas sobre os principais autores do Idealismo Alemão ou sobre um tema que há muitos anos interessa particularmente o Prof. M. Vetö, a saber, o problema do mal e de seu estatuto filosófico ao longo da História da Filosofia e da Teologia.

O mal enquanto objeto de reflexão filosófica constitui como que um dos fios de Ariadne que pode nos ajudar a percorrer essa larga produção erudita e, em tantos aspectos, inovadora do autor aqui em estudo. Os textos compilados na obra *Le mal. Essais et études*, abrangem um período de quatro décadas de produção do autor, e abarcam desde as suas primeiras investigações etnológicas sobre os Bantu orientais na África até dois textos inéditos – um que trata do problema do mal na teodicéia leibniziana, e outro que analisa o célebre romance de R. L. Stevenson, *The Strange Case of Dr. Jeckyll and Mr. Hyde* –, sempre em busca de uma melhor compreensão da natureza do mal.

A obra é dividida em duas grandes partes: a primeira recolhe os estudos mais especulativos; a segunda contém os textos de caráter mais histórico acerca do problema do mal. Embora no início do livro o autor se lamente sobre sua talvez impossibilidade de ainda chegar a escrever um tratado realmente sistemático acerca do mal, chamando a atenção do leitor para o caráter apenas antológico da obra, os três ensaios especulativos que compõem a primeira parte da obra são intrinsecamente relacionados, oferecendo ao leitor uma visão bastante clara e coesa da análise filosófica de M. V. sobre esse tema. Cabe destacar especialmente o terceiro deles, denominado “*Éléments d’une doctrine chrétienne du mal*”, que o próprio autor considera o texto mais importante do livro e que nos oferece uma visão global do problema do mal tal como tratado por diversos filósofos, em especial, é claro, pelos filósofos e teólogos cristãos. É preciso chamar a atenção do leitor brasileiro para a dupla proficiência de M. V. nas áreas da Filosofia e da Teologia, nas quais se doutorou, e que lhe capacita, portanto, realizar uma análise rica e atenta às implicações filosóficas dos dogmas cristãos para a análise do mal. Os ensaios de cunho mais histórico percorrem desde o texto de etnologia acima referido, passando por autores que M. V. denomina de “pensadores religiosos”, como Jacob Böhme e Simone Weil (é oportuno lembrar também a reedição de uma das mais importantes obras escritas sobre S. Weil, publicada por M. V. originalmente em 1971 e relançada em 1997, sempre pela editora L’Harmattan, *La métaphysique religieuse de Simone Weil*), pensadores políticos-filósofos, como Hannah Arendt (há uma tradução em português deste belo texto na revista *Filosofia Política*, 5), teólogos-filósofos, como o americano Jonathan Edwards, bem como análises de obras literárias, como a de Stevenson e a de Milton, e obviamente estudos consagrados a filósofos clássicos, tais como Leibniz, Kant e Schelling. Qualquer pessoa interessada em compreender melhor a problemática implicada na análise do mal e de seu estatuto filosófico lerá essas densas páginas com muito interesse e proveito.

Le fondement selon Schelling é a reedição de uma importante obra sobre o filósofo de Leonberg que M. V. havia escrito no início dos anos de 1970. O livro é um alentado estudo sobre um conceito fulcral em Schelling, a saber, o conceito de fundamento (*Grund*). A análise toma como ponto de partida a revolucionária obra de Schelling publicada em 1809, os *Ensaios filosóficos sobre a liberdade humana*, e tenta percorrer o restante da obra do último dos idealistas, mostrando a presença – implícita ou explícita – na mesma do conceito de “fundamento”. Esse percurso, cabe ressaltar, não se apresenta estruturado de modo meramente cronológico, acompanhando passo a passo as três principais fases da filosofia de Schelling,

mas sim de modo temático, procurando enfatizar por meio da discussão de temas centrais na obra de Schelling, tais como, o não-eu, a natureza, a gravidade, a matéria, o infinito, o não-ser e a pessoa, a unidade subjacente a essa aparente diversidade e centrada em torno da noção de fundamento. O propósito do autor nessa obra, como ele mesmo nos esclarece em uma nota à reedição, não foi o de expor a filosofia tardia (*Spätphilosophie*) de Schelling, mas o de explicitar a presença da especulação de cunho teosófico, em particular de Böhme, Ettinger e Baader, que ajudaram Schelling a conceber o problema da liberdade e do mal ao recorrer ao binômio fundamento-existência para pensar esse problema e, principalmente, o de evidenciar a presença central nessas reflexões de Kant. Na verdade, o que começa a aparecer nessa fase, dita intermediária, da obra do último dos idealistas é a distinção entre o *Was* e o *Dass*, que só será analisada filosoficamente na etapa final de sua produção.

Esse livro de M. V. visa, portanto, repitamos, mostrar a importância da recepção dos teósofos na obra intermediária e, mais importante, a retomada, e isso é crucial, que nessa obra é empreendida da filosofia de Kant. É a separação entre o prático e o teórico, e a primazia do prático, que prenunciam a separação entre o *Dass* e o *Was* e que, segundo o autor, estão na base da distinção entre a filosofia positiva e a filosofia negativa. Ao definir, em várias passagens, a filosofia de Schelling como “uma metafísica do bem e do mal”, começamos a entrever melhor o fio de Ariadne que percorre a longa trajetória exegética de M. V.. Sua análise visa mostrar como o mal, esse “algo” que não deveria ser mas é, foi integrado conceitualmente em diferentes momentos na reflexão filosófica de Schelling. Por meio da distinção fundamento-existência, ele foi pensado no âmbito da filosofia da liberdade com o auxílio da noção teológica da Queda e da filosofia de Kant, de modo que essa negatividade está presente apenas potencialmente em Deus, enquanto seu fundamento, mas ela só será efetivamente negativa por meio da vontade humana. Em outras palavras: o mal para se efetivar depende da vontade autônoma do homem.

No livro *Fichte. De l'action à l'image*, M. V. reúne cinco artigos já publicados e três textos inéditos, a fim de tentar situar melhor a obra de Fichte entre a de Kant e a de Schelling e Hegel. Fichte começou a ser retrabalhado por M. V. – após duas décadas de distanciamento desse autor – quando ele se propôs a escrever a sua grande obra sobre o Idealismo Alemão, que comentaremos ao final deste texto. Os artigos desse livro sobre Fichte detém-se, como sempre ocorre nos textos de M. V., com muita erudição e originalidade analítica, no estudo minucioso das inúmeras versões da *Wissenschaftslehre* (*Doutrina da Ciência*), deixando de lado as reflexões desse pensador sobre a Ética e o Direito, com exceção do primeiro artigo, “Finitude et élargissement de la raison” que oferece uma visão mais global da filosofia de Fichte, e que o próprio autor, na introdução que escreveu para essa reedição, considera o texto mais importante da coletânea. Os textos sucessivos, com exceção do segundo artigo que visa esclarecer o difícil tema das duas séries de conteúdos da consciência – real e ideal –, e assim tenta explicar melhor de que modo opera a dedução *a priori* das categorias do pensamento postulada por Fichte, procuram analisar os vários cursos ministrados por Fichte centrados na *Wissenschaftslehre*, nos quais ele procurou fundamentar melhor as idéias expostas

na primeira versão dessa sua célebre obra, com especial atenção aos conceitos de *Erscheinung* (aparição) e *Bild* (imagem) que, nesse segundo período de sua produção, assumem uma importância fundamental em suas reflexões filosóficas.

O livro *Études sur l'idéalisme allemand* reúne doze estudos, a quase totalidade dos quais já publicada anteriormente sobre os principais representantes do Idealismo Alemão, a saber, Kant, Fichte, Hegel e Schelling. O livro foi organizado tematicamente e aborda os problemas fundamentais desse período da filosofia, tais como a síntese *a priori*, a primazia do prático, a singularidade do juízo estético, bem como as noções fundamentais de espaço, tempo, liberdade e imaginação. O primeiro artigo, o único inédito nessa obra, “Le projet de l'idéalisme allemand”, é um exemplo de síntese e clareza. Em apenas treze páginas, o autor nos guia conceitualmente por um percurso que se inicia com Kant, se encaminha para Fichte, Schelling e Hegel, para retornar, por fim, com a filosofia tardia de Schelling, a Kant. Os demais capítulos são todos extremamente ricos, mas chamamos especialmente a atenção do leitor para os seguintes textos “Mémoire et liberté dans l'idéalisme allemand”, “La science du particulier: de Kant a Schelling” e “De l'espace. Exercice de métaphysique morale”. Lamentamos, porém, a ausência do belo artigo “La piété et la patience. Une apologie de l'extériorité” publicado em 1982, que nos parece como que um desdobramento conceitual do artigo sobre o espaço incluído na coletânea. Cabe mencionar também os artigos iniciais sobre alguns aspectos do pensamento de Kant (síntese *a priori* e julgamento estético), autor sobre o qual M. V. é um profundo e erudito conhecedor. Além desses, o livro contém um artigo sobre a guerra e o conhecimento em Hegel, um outro sobre o Eu e o Não-eu em Fichte, e mais dois artigos sobre Schelling (um sobre a noção de fundamento, e outro sobre a primazia do prático em sua filosofia final). Estes artigos servem, portanto, como um volume suplementar em relação à magistral obra de M. V. sobre o Idealismo alemão, que analisaremos a seguir.

A obra *De Kant à Schelling. Les deux voies de l'Idéalisme allemand*, publicada em dois alentados volumes, constitui o coroamento de mais de vinte anos de pesquisa e estudos de M. V. sobre o Idealismo alemão e seus principais representantes. A obra possui a clareza e a precisão que só após muitos anos de familiaridade com as fontes primárias e secundárias de seu objeto de estudo um pesquisador é capaz de alcançar. Nela M. V. apresenta um quadro concatenado e coerente da produção de quatro gigantes da Filosofia Moderna: Kant, Fichte, Hegel e Schelling. Cabe ressaltar que na produção de M. V. toda a imensa erudição posta em movimento jamais o impede de propor interpretações originais acerca dos temas com os quais trabalha. Estamos, por conseguinte, diante de uma obra não apenas plena de erudição, mas também de frescor exegetico, o que cada vez é mais raro na produção acadêmica dos nossos dias.

O objetivo central da obra, como o próprio título já anuncia, é o de mostrar que o Idealismo alemão, movimento filosófico iniciado com Kant, possui, a bem da verdade, duas vertentes ou vias: uma que culmina em Hegel, e outra que tem seu ápice em Schelling. Desse modo, M. V. oferece-nos uma resposta conciliadora entre a posição mais tradicional, e ainda onnipresente em manuais de filosofia, mesmo os mais recentes, de que esse movimento filosófico conclui na obra de

Hegel, e a posição bem menos conhecida, defendida por alguns intérpretes de Schelling, de que essa Escola filosófica encontrará seu apogeu na fase final da obra de Schelling. Essa nova perspectiva exposta por M. V., parece-me, deveria constituir doravante um claro divisor de águas na pesquisa sobre o Idealismo. Um dos muitos méritos do livro consiste em que seu autor trabalha com a totalidade da produção dos quatro pensadores que estuda, evitando assim uma análise parcial e seletiva da obra dos mesmos. Outro aspecto essencial dessa obra reside no fato de que M. V. retorna a Kant, um autor tão caro à sua produção intelectual, para mostrar de que modo essas duas vias estão presentes potencialmente na própria obra de Kant. Uma que prosseguirá a fundamental intuição kantiana acerca da dimensão *a priori* da subjetividade, e que terá seu auge no Idealismo absoluto de Hegel, e a outra que, ao contrário, “reconhece os limites da subjetividade e a realidade irreduzível da transcendência” (p. 13). A primeira via, portanto, parte de Kant, passa por Fichte e pelo jovem Schelling, e culmina em Hegel. A segunda, contudo, que igualmente parte de Kant, tem sua continuidade na obra tardia de Fichte e de Schelling. A primeira via conduzirá “à unidade e à perfeição”, a outra, “à exploração da finitude e da existência” (p. 14).

A obra divide-se em três livros - precedidos de uma introdução geral e de um apanhado sobre a obra, antecipatória em relação ao Idealismo, de Leibniz, e sucedidos por uma conclusão geral -, que se distribuem ao longo dos dois volumes. O livro I trata de Kant e ocupa mais de trezentas páginas; o livro II se ocupa da primeira das vias acima aludidas, tem como título: “De Fichte a Hegel”, e está subdividido em duas partes – a primeira das quais discorre sobre Fichte, e a segunda sobre Hegel, ambas totalizando quase quatrocentas páginas –, e, por fim, o livro III, que porta como título: “De Fichte a Schelling”, que abrange mais de duzentas páginas.

É praticamente impossível tentar resenhar as belas e originais análises de M. V. sobre esses autores que ele conhece tão bem, mas é importante enfatizar que a chave de leitura e de compreensão desse novo modo de conceber o Idealismo fundamenta-se na análise dedicada à obra de Kant no livro I, e que se desenvolve ao longo de seus onze capítulos. Nesse livro M. V. mostra como desde o início de sua produção filosófica Kant oscila entre as duas vias que serão desenvolvidas por seus célebres epígonos. Apenas nas obras finais de Kant é que essas duas vias se cindem: uma que reconhece a finitude e a positividade, levando ao texto sobre o mal radical; e outra, que aspira ao Idealismo absoluto, à obra póstuma na qual Kant esboça sua filosofia teórica aplicada. Há dois temas que Kant valorizará, contra a tradição, e que serão retomados e retrabalhados por seus sucessores, a saber, o tema da imaginação e o tema do tempo. A imaginação cessa de ser fonte de erro e de ilusão e passa a ser concebida como síntese originária entre o entendimento e a sensibilidade. O tempo, por sua vez, deixa de ser mero evento físico e passa a ser concebido como a forma de todos os objetos dos sentidos.

No livro II é o percurso mais conhecido do Idealismo que é percorrido, qual seja, o que conduz a Hegel como seu vértice insuperável. Nesse livro M. V. estuda as filosofias de Fichte (sua fase inicial), de Schelling (até antes do célebre *Freiheitschrift* de 1809) e de Hegel. A filosofia pós-kantiana, esclarece-nos o autor, nada mais

é do que “o desenvolvimento do apriorismo crítico em uma metafísica dos conteúdos” (t. I, p. 319) que foi inaugurada na *Wissenschaftslehre* de Fichte, aprimorada no *Sistema do Idealismo Transcendental* de Schelling e levada à perfeição na *Ciência da Lógica* e na *Enciclopédia* de Hegel, onde, segundo M. V. “o conteúdo, seja natureza ou história, é *a priori*, e o particular é legitimado por uma dedução infalível” (t. II, p. 227).

No livro III é o itinerário menos conhecido que é traçado, a saber, aquele que partindo igualmente de Kant - e aqui tendo como principal inspiração kantiana o ensaio do mesmo sobre o mal radical - conduzirá às obras tardias de Fichte e de Schelling, ponto culminante dessa segunda via. Em uma importante observação, nosso autor adverte seus leitores de que essa segunda via, que leva ao reconhecimento da finitude, não conduz “a uma reafirmação dos limites do saber, menos ainda a um irracionalismo, mas antes à consideração racional daquilo que não é objeto próprio do *a priori*” (t. II, p. 231). O núcleo dessa via reside na crítica, absolutamente pioneira, que a obra tardia de Schelling faz ao sistema hegeliano. O conceito que permitirá pensar a passagem da essência à existência é o de liberdade, e não por acaso desde 1809 é em torno dessa noção que o pensamento de Schelling começa a se mover. Antes de analisar os textos de Fichte e Schelling, M. V. nos oferece dois importantes estudos, um sobre Jacobi e outro sobre Boehme. Fundamental para M. V. é a observação, encontrada na obra final de Schelling, de que as filosofias negativa e positiva não comprometeriam o progresso devido à *Crítica* (t. II, p. 461); por isso Schelling reivindica para a sua filosofia o estatuto de uma nova *Crítica*; mas, ao ser nova, ela indica claramente seu alcance para além da *Crítica* de Kant. A principal contribuição de M. V. no debate acerca do estatuto da filosofia final de Schelling é que ele se recusa a aceitar a posição mais tradicional dos especialistas que julgam que o último Schelling abandonou a filosofia transcendental de Kant e vêm isso com aprovação ou reprovação. Ele, ao contrário, defende a filiação de Schelling até as suas derradeiras preleções berlinenses ao Idealismo. Por conseguinte, para M. V., não devemos falar em um para além do Idealismo, mas sim em duas vias que começam e acabam no interior do mesmo movimento filosófico.

Esperamos que esse sobrevôo, ainda que superficial, por uma bibliografia historiográfica tão rica e importante possa ao menos estimular os leitores, especialistas ou não, a se aprofundarem em um dos momentos mais fecundos e originais do pensamento humano, orientados por um dos mais competentes e originais guias que podem encontrar em nossos dias, o Prof. Miklos Vetö, de modo a poderem apreciar paisagens e percursos muito além daqueles esboçados e desenvolvidos na esmagadora maioria dos manuais de filosofia.

Endereço do Autor:

Rua Expedicionário Celso Racioppi, 789 - Apto. 701
31310-070 Belo Horizonte — MG